

Editorial

Com este quarto número de Laboreal cumprem-se dois anos de uma revista cuja difusão foi crescendo, alertando potenciais autores para uma nova oportunidade de publicação de artigos científicos.

É-nos agora possível planear antecipadamente grande parte das próximas edições, com contribuições hispano-lusas que prosseguirão o nosso projecto de ultrapassar muitas das fronteiras com que nos confrontamos, geográficas e políticas, mas também científicas.

Mas trata-se, para já, de situar a especificidade do presente conjunto de artigos.

Na continuidade da prática assumida nos números anteriores, atribuímos um lugar de destaque aos resumos de teses de doutoramento. É, na verdade, um espaço que permite aos investigadores a difusão para meios mais alargados do fruto de uma fase decisiva no seu percurso: trata-se, para a maioria deles, da primeira integração teórica de um conjunto de pesquisas; e a publicação da sua síntese permite apostar decididamente nos debates que pode suscitar.

Assim:

- Clara Araújo relata um percurso, enraizado na psicodinâmica do trabalho, que revelou as condições em que trabalham frequentemente os assalariados do sector do calçado;
- Mário Poy confrontou dados relativos aos acidentes de trabalho na Argentina, a postura assumida pelos actores e a bagagem teórica que caracteriza hoje a tradição científica privilegiada por muitos cientistas da ergonomia e da psicologia do trabalho;
- Kátia Santorum analisou o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro e particularmente a descontinuidade entre as suas acções no campo da saúde do trabalhador. Recorreu para isso a um quadro teórico construído por contributos de vários autores já bem conhecidos pelos leitores de Laboreal;
- Catarina Silva, à luz de um debate teórico entre autores da ergonomia e outros mais próximos da sociologia do trabalho, realçou o quanto certas opções de organização do trabalho inibem a gestão do erro em tempo real pelos/as operadores/as – as regras próprias de acção acabando por constituir conqui-

tas pontuais implicitamente negociadas, no seio dos colectivos e com a hierarquia;

- E Sara Ramos propôs um “Método da reconstituição biográfica centrado no trabalho”, como complemento face às abordagens centradas no trabalho que têm dominado o estudo do envelhecimento cognitivo no âmbito da psicologia do trabalho.

Prosseguimos também neste número a série de artigos consagrados a obras que marcaram as tradições científicas privilegiadas em Laboreal. Alargamos então o elenco dos autores já referidos ao contributo de Véronique De Keyser, tendo Camilo Valverde assumido esta resenha.

Quanto à rubrica “Estudos de Caso”, para a qual temos tido numerosos contributos, é desta vez liderada por Marta Santos num artigo cuja ancoragem é, sem dúvida, histórico-cultural – pelas referências privilegiadas à obra de Lev Vygotski, mas ainda pela interpretação que deu a certos dados recolhidos no decorrer de uma acção de formação de pescadores.

Gabriel Fernandez e Yves Clot, tiveram a excelente ideia de redigir uma contribuição que deixará, sem dúvida, marcas na rubrica “Instrumentos de investigação”: trata-se com efeito de uma metodologia já frequentemente referida por vários autores que publicaram em Laboreal - caracterizada por uma co-análise do trabalho e designada de “autoconfrontação cruzada”.

Para além da satisfação que sentimos em apresentar, em cada número da revista, textos originais, Régis Ouvrier-Bonnaz deu-nos a oportunidade de inovar também noutra plano, abrindo uma rubrica prevista, mas ainda não concretizada. O interesse desencadeado pela sua conferência na Universidade do Porto justificou a sua tradução e a publicação de uma abordagem original da história da psicologia em França, estreitamente associada à história da psicologia da orientação e do trabalho.

Enfim: o nosso Dicionário. Duas palavras, dois autores, duas tradições científicas.

“E” de Experiência. Ivar Oddone era obviamente incontornável para dar a perceber como a sua experiência de médico na descoberta da experiência dos outros, acabou por conduzi-lo para uma experiência colectiva.

“F” de Formação, onde Matéo Alaluf era também incontornável. Mas aqui a história é contada por um sociólogo que não deixa de lembrar o quanto é essencial o recuo histórico.

A todos desejamos uma boa leitura.

Pelo Comité Executivo da revista,

Marianne Lacomblez